



UMA REFLEXÃO SOBRE O SER FEMININO E A MARGINALIZAÇÃO DA PROSTITUTA NA LITERATURA AFRICANA A PARTIR DO ROMANCE ‘O ÚLTIMO VOO DO FLAMINGO’, DE MIA COUTO

Joseane dos Santos Costa; Adilza Ker- Leem Correia Gomes, Prof^a. Ms.^a Aluska da Silva Carvalho

Universidade Federal de Campina Grande; zeane.jo@hotmail.com adilzakerleem@gmail.com;
aluska.silva@yahoo.com

Resumo: O Brasil tem uma dívida social e moral com os países africanos, tendo em vista que participou ativamente do processo de tráfico negreiro, trazendo descendentes africanos para serem escravizados aqui por muitas décadas. Sendo assim, torna-se necessário tentar minimizar os problemas provocados por esse passado de escravidão, visto que até hoje os negros são discriminados, e uma das formas mais eficazes de reduzir tais transtornos é a valorização dos aspectos culturais advindos da África, reconhecendo assim, a influência que os mesmos tiveram na cultura local, no que diz respeito aos mais variados aspectos, a saber: na culinária, na dança, nas vestimentas, nas crenças entre outros. Esse trabalho foi desenvolvido a partir do livro “O último voo do flamingo” uma das renomadas obras do escritor moçambicano Mia Couto, e a partir dela buscamos refletir as semelhanças e diferenças entre aspectos da cultura africana e da cultura brasileira. No decorrer de nossas análises acerca da obra em questão, percebemos ainda que a mulher continua sendo marginalizada, ainda mais se seu comportamento não for de encontro ao que é esperado de uma "mulher de família", ou seja, obediência aos homens, bom senso ao se vestir, beirando certo puritanismo. Caso não seja esse o comportamento, imediatamente recebe a alcunha de prostituta.

Palavras-chave: Literatura, refletir, dívida social, Brasil.

INTRODUÇÃO

A história do Brasil é marcada por inúmeras injustiças, dentre elas o processo de escravidão dos negros advindos dos mais diversos países do continente africano. Foram trazidos para o nosso país de forma compulsória e foram tratados de forma abusiva por mais de um século.

Os escravos que conseguiam ao chegar vivos ao Brasil, apesar das condições miseráveis que eram mantidos durante a viagem em alto mar, rapidamente eram forçados a separarem-se de seus amigos, abandonar seus idiomas e culturas e se adaptar as novas



condições de vida, ou melhor, subsistência. E se reagissem contra tais mandamentos, eram castigados de forma violenta por seus senhores, pois não eram vistos como seres humanos, mas como animais que tinham a única finalidade de servir como mão-de-obra, e, portanto, não tinham direitos.

As mulheres negras que eram bonitas e atraíam os senhores, na maioria das vezes iam servir na "casa grande", e se tornavam além de empregadas domésticas, amantes dos patrões, despertando a ira das "sinhas" que lhe castigavam de maneira cruel.

Passados mais de um século após o fim da escravidão, muitos ainda questionam os direitos dos negros, tendo como argumento o critério da superioridade racial. Por vezes o preconceito não é tão explícito, pelo contrário acontece de forma sutil, pois felizmente hoje existem leis que punem a discriminação racial, como por exemplo, a Lei 7716/89 criada em 1989 e que estabelece que crime de racismo é inafiançável, e especifica o que pode ser considerado racismo.

Mesmo com essas propostas que visavam a punição contra o racismo, o preconceito persiste e milhares de negros são vítimas do mesmo, em nosso país até hoje. A discriminação não envolve somente a tonalidade da pele dos negros, mas também a sua religião e cultura, tendo em vista que mesmo a inserção da raça negra ocorrendo de forma arbitrária, houve um processo de miscigenação, e é fato que o povo brasileiro tem sangue negro, mesmo que uma parcela não aceite tal realidade.

A cultura afro-brasileira é de extrema importância no cenário brasileiro, destacando-se a música e a dança dos descendentes africanos, fazendo parte do patrimônio cultural vivo, assim como o artesanato, vestimentas típicas também têm sua importância na história cultural do grupo em questão. Mesmo assim, não é de hoje que a importância dos negros na história brasileira, é menosprezada socialmente, já que boa parte da sociedade dominante, ou seja, detentora da riqueza, os percebem somente como ex escravos e ignoram suas influências culturais. Nesse sentido, fez-se necessária a criação da lei 10.639/03 que propõe diretrizes para se valorizar e ressaltar o ensino da cultura africana e afro-brasileira nas escolas, para desta forma ajudar a minimizar o preconceito racial.

Entretanto, mesmo essa lei estando em vigor desde 2003, ainda hoje existem escolas que se eximem de colocar disciplinas que tratem das questões afro-brasileiras. E o resultado é uma sociedade que embora jovem, difunde preconceitos raciais.



Os livros de Couto, um moçambicano que traz em seus contos e romances diferentes temáticas, mostrando a geografia, cultura e tradições de seu país podem contribuir para aproximar a literatura africana dos alunos, nas escolas de todo país. Este trabalho faz referência a um de seus romances, “O último voo do flamingo” que vai tecendo no imaginário do leitor, todas as imagens que fazem referência a uma vila fictícia, chamada de Tizangara, no interior de Moçambique, em que o povo é atormentado por desaparecimentos misteriosos, bem como por administrações que beiram a ditadura, na qual, prevalecem as ordens dos mais poderosos em detrimento dos mais “humildes” financeiramente.

A narrativa nos faz refletir e perceber as semelhanças entre esse lugar fictício e algumas regiões do Brasil, assim como Tizangara e seus personagens, dentre eles o administrador Estevão Jonas, a obra trabalha ainda com questões como o respeito às tradições locais, a ingerência estrangeira em assuntos internos de uma nação, a corrupção política, a riqueza da cultura oral, dentre outros, e assim como em nosso país o poder corrompe, os representantes de instituições públicas deixam de beneficiar o povo e passam a pensar em si próprios, porém também temos um povo forte, que não desiste de acreditar em um futuro melhor, mesmo diante de tantas falcatruas.

O romance contemporâneo em questão é narrado por um dos personagens, que também é protagonista, o tradutor, e através dele percebemos um processo de africanização do europeu, tendo em vista que um dos protagonistas, o italiano Massimo, ao se apaixonar-se pela estranha Temporina – uma jovem africana com o rosto de velha, ele passa a se despir de alguns preconceitos em relação à cultura africana tornando-se capaz de compreender algumas coisas da terra, se afastando da velha racionalidade ocidental, numa espécie de colonização às avessas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao que parece, as sociedades patriarcais prevalecem no mundo inteiro. As mulheres já nascem com seus “destinos traçados” é da casa dos pais, para a própria casa, sendo que espera-se que essa seja regida ideologicamente por uma figura masculina, marido, ou no caso de viuvez, o filho primogênito, se este for homem.



A prostituição é uma das profissões mais antigas do mundo, as cortesãs e meretrizes, como eram chamadas até meados do século XIX, algumas vezes levavam uma vida de regalias e luxos, conquistados através de seus corpos, e porque não dizer, sexo. Na idade média, eram consideradas inteligentes, mas, com o passar dos séculos, e o surgimento da instituição família, passaram a ser renegadas e sofreram perseguições, inclusive por parte da igreja, muitas delas foram assassinadas.

As mulheres que não são enxergadas como recatadas, submissas, do lar, meigas, são por vezes, são chamadas de prostitutas, mulheres "pobres de espírito", e como tal, sofrem um preconceito nem sempre velado, caso seus comportamentos não sejam o esperado, sendo assim, chamadas de inconsequentes, fúteis, moralmente insensíveis, atrevidas, egoístas, vaidosas, sem vergonha, sentiam gosto pelo prazer imediato e pela notoriedade. (LOMBROSO, 1896 apud NASCIMENTO, 2008). A partir desta afirmação do autor, vemos como aquelas mulheres que não aceitavam as ordens que lhes eram impostas, eram e são vistas até hoje.

Ainda hoje é notório, que em episódios envolvendo violências físicas contra a mulher: agressões, estupros e até mesmo assassinatos, existem sempre aqueles que dão voz a discursos discriminadores, e culpam as mulheres pelo que lhes aconteceu, tendo em vista que o seu comportamento também deve ser levado em consideração, a mulher deve evitar determinados locais, evitar exhibir-se, enfim, dar-se ao respeito, sendo levado em consideração a moral da mesma, assim como defende Abreu (1889, p. 41 apud NASCIMENTO, 2008), em casos policiais :

emergiam os valores sociais mais amplos da sociedade, pois era também na quebra de outras normas morais e sociais que se determinava a absolvição ou condenação do réu. Ou seja, a conduta moral do indivíduo é que iria ou não, redimi-lo do crime, não estava em pauta apenas o que havia sido feito, mas aquilo que o acusado e a ofendida eram, poderiam ser ou seriam.

As mulheres enfrentaram muitas lutas para terem seus direitos reconhecidos, a saber: direito ao voto, a serem reconhecidas como profissionais, estudar e saíram vitoriosas, entretanto têm que continuar lutando para que estes continuem prevalecendo, e principalmente, para conseguirem continuar tomando suas próprias decisões, principalmente, no que diz respeito aos seus próprios corpos.



Uma reflexão sobre a Personagem Ana Deusqueira e a marginalização da prostituição

As personagens femininas são muito bem representadas na obra *O último voo do flamingo*, de COUTO (2005). Dentre as personagens femininas, direcionamos o nosso olhar para Ana Deusqueira, a prostituta da vila que por conhecer intimamente os homens do lugar, foi chamada para ajudar a esclarecer o caso do surgimento dos pênis decepados, dos enviados especiais da ONU (Organização das Nações Unidas). Ana Deusqueira se diferencia das Personagens de costume que segundo CÂNDIDO (2000,p.61)“ são apresentadas por meio de traços distintivos, fortemente escolhidos e marcados e podem ser facilmente compreendidas por um observador superficial”. Ela é uma personagem que surpreende por sua força e espontaneidade, e camufla suas dores e sofrimentos através de seu sorriso, e seu jeito conquistador.

Ao longo do conto, vamos percebendo que o lugar que lhe era atribuído, era o de exclusão, assemelhava-se a uma vida furtiva, em que quem fosse visto com ela, era imediatamente discriminado pela sociedade, por isso, as pessoas, principalmente os homens fingiam não conhecê-la: “- Com o devido respeito, Excelências: e se chamássemos Ana Deusqueira?! - Mas, essa Ana, quem é? - inquiriu o ministro. Vozes se cruzaram: como se podia não conhecer a Deusqueira? Ora, ela era a prostituta da vila, a mais competente conhecedora dos machos locais. “ Couto (2005 pg. 26).

A prostituição passou a ser considerada uma doença, um mal que ameaça a saúde física, moral e social do conjunto da população urbana (ENGEL, 1989 apud NASCIMENTO, 2008), e para o tratamento deste mal um dos *remédios* mais eficazes seria excluir as prostitutas do convívio social com pessoas detentoras dos bons costumes na sociedade.

Embora, esses discursos sejam enunciados frequentemente por pessoas detentoras da moral e dos bons costumes, principalmente “homens de família”, muitas vezes dizem tais palavras somente para não ficarem mal vistos pela sociedade, mas não se abstêm de se relacionar com “as mulheres de vida fácil”, ou seja, as prostitutas, no entanto, mantêm tais episódios às escuras. É o que acontece no romance aqui analisado, Ana Deusqueira, conhece



intimamente o administrador Estêvão Jonas, mas ele por ser casado, tenta manter a discrição: “- Duvidam? sou puta legítima. Não uma desmeretriz, dessas. Até já dormi com... - Adiante, adiante - apressou o ministro, que logo iniciou uma dissertação sobre vagos assuntos como as previsões da chuva, o estado miserável das estradas e outras nenhumarías”. COUTO (2005 pg. 29).

Percebemos assim que as mulheres que não se encaixam nos moldes tradicionalistas, e buscam sua liberdade, principalmente a sexual, não são bem aceitas pela sociedade, pelo contrário recebem diferentes alcunhas como: perdidas, imorais, libertinas dentre tantos outros nomes. No entanto, os homens que as negligenciavam perante outras pessoas, na maioria das vezes a procuravam, pois “a libido sexual não poderia ser totalmente contida nem reprimida, devendo haver assim os “receptáculos” pra canalizar esses desejos e assim proteger as moças casadoras” (NASCIMENTO, 2008, p.73, grifo da autora). O homem é colocado como ser superior para quem o sexo não pode ser reprimido. Então, para haver a liberação dos desejos masculinos existiam as prostitutas, consideradas como meros receptáculos.

Portanto, é explícito que as mulheres que negociam o sexo, que saem com diversos homens – novos, velhos, limpos, sujos, sóbrios, bêbados – são colocadas em total desvantagem em relação àquelas que são exaltadas como *de família*. Para essas mulheres, são severos os códigos de conduta moral, que demarcam a submissão e a subserviência a um companheiro (CARVALHO, 200). Desta forma, subentende-se que para ser respeitada a mulher tem que ser casada, ou virgem, porém, em ambos os casos precisam obedecer à moral já estabelecida da subserviência e do respeito a seus maridos e/ou pais, enquanto que as outras ficam à margem da sociedade.

Considerações Finais

Todos os alunos deveriam ter a oportunidade de se aproximar de obras como esta, que utilizamos para fazer esta análise. Bem como ter acesso a elementos advindos da cultura africana. A aproximação com tais elementos é essencial para promover uma conscientização naqueles indivíduos que ignoram suas origens e a desvalorizam, colocando outras culturas, principalmente as que vêm de países europeus, e envergonham-se de suas raízes africanas.

A literatura africana de língua portuguesa é muito importante para ajudar a



desmistificar a ideia de que tudo o que provém de países africanos é sinônimo de pobreza, de tristeza, de doenças. Muito pelo contrário, através das histórias contadas por autores africanos, como o moçambicano Mia Couto, conhecemos um povo forte, alegre, berço de uma cultura milenar, mas que em sendo marginalizada ao longo dos séculos por uma cultura branca europeia. Desta forma, desconstruímos a concepção de que os africanos, que por vezes são chamados de covardes, na verdade foram extremamente injustiçados, a fim de terem suas riquezas naturais exploradas, para benefício de outros povos.

Assim como muitos países americanos e europeus, o povo tem que lidar com problemas como corrupção, governantes de má índole, violência contra a mulher, prostituição, dentre tantos outros. Nesse sentido, percebemos que nossas realidades não são tão distantes como pensávamos.

Cada vez mais é necessário nos despirmos de nossos preconceitos, e entendermos de uma vez por todas que somos todos uma mesma raça, a humana. E por isso, respeitar os outros, em suas diferenças, é essencial.

Assim, como refletir a figura feminina, em uma obra de origem moçambicana, tornou-se um desafio no início, ao final da análise, percebemos que não importa a nacionalidade, o estereótipo de que a mulher tem que se aproximar da perfeição é universal. O discurso de Ana Deusqueira se faz extremamente necessário nesse momento: “É que todas as mulheres do mundo dormem ao relento. Como se todas fossem viúvas e se sujeitassem aos rituais da purificação”. COUTO (2005 pg.179).



Referências Bibliográficas

CARVALHO, Silvia Barbosa de. **As virtudes do pecado: narrativas de mulheres a "fazer a vida no centro da Cidade"**. [Mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 2000.

COUTO, Mia. **O último voo o flamingo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. **O doce veneno da noite: prostituição e cotidiano em Campina Grande (1930-1950)**. Campina Grande: EDUFPG, 2008.

